



## AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REALIDADE E MOTIVAÇÃO DO PROFESSOR

Fernanda Martins; Vanessa Amaral; Vera Lúcia Medeiros de Albuquerque de Azambuja

### RESUMO

*O professor de educação física mesmo tendo conhecimento e, sabendo da relevância da sua disciplina, pode escolher dar ou não uma boa aula. A educação física escolar possui várias vertentes, mas, nenhum método é dado como certo e hegemônico. O objetivo desse trabalho foi analisar os fatores que influenciam as decisões metodológicas do professor e, entender quais são os fatores que dificultam a realização da sua aula. Para isto, foi realizada uma pesquisa explicativa de campo, onde a pesquisadora entrevistou quatro professores que atuam no ensino médio em dois colégios públicos do município de Dois Vizinhos, utilizando uma entrevista semi-estruturada adaptada. Constatamos a presença do improviso no dia a dia escolar e a supremacia do esporte em aulas práticas*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Improviso; Esporte*

### ABSTRACT

*The physical education teacher even knowing, and knowing the relevance of their discipline, you can choose to give or not a good class. The school physical education has many aspects, but no method is taken for granted and hegemonic. The aim of this study was to analyze the factors that influence the teacher methodological decisions and understand what are the factors that hinder the realization of their class. For this, an explanatory field of research was carried out, where the researcher interviewed four teachers who work in high school in two public schools in the city of Two neighbors, using a semi-structured interview adapted. We note the presence of improvisation on the school day and the supremacy of the sport in practical classes.*

*KEYWORDS: physical education; impromptu; Sport*



## RESUMEN

*El maestro de educación física, incluso sabiendo y conociendo la relevancia de su disciplina, se puede optar por dar o no una buena clase. La educación física escolar tiene muchos aspectos, pero ningún método se da por sentado y hegemónico. El objetivo de este estudio fue analizar los factores que influyen en las decisiones metodológicas de maestros y entender cuáles son los factores que dificultan la realización de su clase. Para ello, un campo explicativo de la investigación se llevó a cabo, donde el investigador entrevistó a cuatro maestros que trabajan en la escuela secundaria en dos escuelas públicas de la ciudad de Dos vecinos, mediante una entrevista semiestructurada adaptada. Observamos la presencia de improvisación sobre la jornada escolar y la supremacía del deporte en las clases prácticas.*

*PALABRAS CLAVES: la educación física; improvisada; deporte*

## INTRODUÇÃO

Pretende-se com essa pesquisa, analisar a atuação do professor de educação física formado, que retém conhecimentos, sabe da importância de repassá-los e, dos benefícios da atividade física na escola. Quais seriam então as motivações para esse educador dar ou não uma boa aula? Outra questão que motiva este estudo é identificar o que seria na visão dos próprios docentes, bons professores e, ainda identificar quais são as causas que deixam o professor desmotivado com a sua prática escolar.

Todo professor sabe a relevância da disciplina de Educação Física no meio escolar, os benefícios que ela traz aos alunos quando bem trabalhada desde os jardins de infância até os últimos anos do ensino. Analisando o contexto atual do ensino da educação física percebe-se que ela vem sofrendo uma decadência considerável, principalmente quando falamos no ensino médio, num quadro que nos aponta por vezes educadores desmotivados com a docência, quer-se aqui observar qual a motivação do professor de educação Física para dar uma boa aula ou não, e quais os fatores que levam o professor de educação Física a dar ou não uma boa aula.



Acredita-se que a falta de motivação do aluno é uma consequência da falta de motivação do professor, que acaba por “largar” a bola tornando as aulas monótonas e repetitivas, como consequência acaba perdendo seu espaço e sua credibilidade no meio escolar. Torna-se, portanto fundamental descobrir o que leva este professor a escolher esta não aula e, qual a motivação dos professores que inovam em suas práticas docentes.

## COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO FÍSICA: EDUCAÇÃO FÍSICA BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Propostas e objetivos educacionais da disciplina de Educação Física foram se modificando ao longo dos anos e, de algum modo todas as tendências influenciam ainda hoje a formação e a prática pedagógica do profissional. Irá ser feito aqui uma breve contextualização da história da Educação Física com seus objetivos e abordagens antes e depois dos anos oitenta, pois acredita-se que quando realmente conhecemos os pressupostos pedagógicos que estão aliados na prática do ensino, é possível melhorar a relação entre o que pensamos estar fazendo e o que realmente acontece.

A introdução da Educação Física na escola ocorreu no Brasil em 1851, com a reforma Couto Ferraz, embora a preocupação com exercícios físicos na Europa remonte ao século XVIII, com Guths Muths, J.J. Rousseau, Pestalozzi e outros. (BETTI, 1991, apud, DARIDO 2005, p.2)

Segundo Darido e Rangel (2005) em uma reforma realizada por quem consideramos o “pai” da Educação Física brasileira Rui Barbosa em 1882 foi recomendado que a ginástica fosse oferecida as escolas normais e para ambos os sexos, entretanto a implantação dessa lei só ocorreu em escolas militares e em parte da então capital da república (RJ). Podemos observar então que a Educação Física na escola já sofria com preconceito e baixo status desde o seu início, já que ela estava na lei e, essa mesma lei demorou muito a ser cumprida.

“As concepções que dominavam a educação Física no seu início eram o higienismo e o militarismo.” (DARIDO e RANGEL, 2005 p. 2). No higienismo como o próprio nome diz, a preocupação central são os hábitos de higiene e saúde, valorizando o



desenvolvimento físico e da moral a partir do exercício. Já no militarismo os objetivos da Educação Física estavam intimamente ligados a formação de indivíduos para defender a pátria, atuar em guerra, suportar o combate. Vê-se então que a corrente militarista era excludente, já que visava selecionar os melhores, os “perfeitos”, devido aos interesses militares e ao contexto da primeira guerra mundial.

Segundo Darido e Rangel (2005, p. 3) as duas concepções higienista e militarista consideravam a educação física uma disciplina totalmente pratica, por isso não havia diferença notória entre Educação Física escolar e instrução militar, isso se reforça ainda mais quando lembramos que para ensinar a Educação Física não era preciso reter conhecimentos, mas sim ter sido um ex praticante.

Observamos então, que as duas primeiras correntes foram fortemente associadas aos métodos calistênicos e aos interesses militares, agora a corrente esportivista vem fortemente influenciada pelo sucesso da seleção brasileira nas copas do mundo de 1958 e 1962, que ligou a Educação Física escolar aos esportes, principalmente e se não só ao futebol. A copa de 1970, que nos trouxe mais um título também contribuiu para fortalecer ainda mais os conteúdos esportivistas na Educação Física, foi o apogeu da política “pão e circo”.

Com todo esse sucesso no futebol o governo passou a investir alto no esporte

Trata-se não mais do esporte da escola, mas sim do esporte na escola. Isto é, os professores de Educação Física se encarregam de reproduzir os códigos esportivos nas aulas, sem se preocupar com a reflexão critica desse conhecimento. A escola tornou-se um celeiro de atletas, a base da pirâmide esportiva.

(BRACHT, 1992, p.22 apud PARANÁ, 2008, p.41)

Na tentativa de transformar a Educação Física em uma máquina de atletas para competição de alto nível, a ideia que se tinha era de Brasil potência, que tentava amenizar as criticas internas para deixar transparecer um clima de prosperidade. É nessa fase histórica que a Educação Física torna-se totalmente excludente, já que visava os melhores para as competições, quem não sabia ou apresentava dificuldades era “eliminado” ficava de fora, a Educação física aqui era só para os bons eles é quem faziam.



Com a crise dos anos 80, onde a comunidade de professores teve acesso a programas de pós-graduação e voltou mais fortalecida, começaram os questionamentos sobre os verdadeiros objetivos da educação física. É, portanto, aqui que surgem as novas tendências, entre elas as que mais se destacam são: desenvolvimentista, construtivista, crítico-superadora e, crítico-emancipatória. Cada uma delas defende uma nova ideia.

Desenvolvimentista, esta estabelece metodologias de ensino para cada fase da vida desde os 0 até os 14 anos em diante, ou seja, ela diz que para cada idade existem atividades e métodos para estimular a criança. O movimento é o foco aqui é, o início o meio e o fim da educação física.

Construtivista, abordagem esta defendida por João Batista Freire nos diz que corpo e mente, não são dissociadas e, que a educação física é responsável por estimular as habilidades motoras através de jogos e brincadeiras é aqui a educação de corpo inteiro.

Crítico-superadora, teoria que foi criada no início dos anos 90 por um coletivo de autores. Aborda a educação física a partir da cultura corporal, trabalhada em conteúdos divididos em: esporte, lutas, dança, ginástica e, jogos; organizando esses conteúdos em ciclos, partindo do pressuposto que os alunos já trazem com eles um conhecimento prévio sobre o assunto.

Crítico-emancipatória aqui a expressão corporal é entendida como forma de dialogar consigo mesmo e com o contexto social no qual se está inserido. É preciso “formar” o aluno para que ele seja o sujeito das suas escolhas, seja questionador e, como o próprio nome já diz, seja emancipado socialmente.

Contudo, é aqui então que se difundem as vertentes e, que começam as dificuldades, pois são dados vários caminhos e, nenhum é dito verdadeiro ou correto, cada professor então, opta por uma vertente e, aqueles que não sabem ao certo qual para onde ir, passam a largar a bola, realidade que ainda é encontrada na escola hoje.

## CULTURA ESCOLAR

Experiências sejam elas individuais ou vividas em grupo são as expressões das pessoas, comportamentos, costumes, atitudes e, expressões corporais desenvolvidas pelo



homem são determinações culturais, ações construídas mediante uma sociedade que vive num determinado meio geográfico, momento histórico, político econômico e religioso, ou seja, sofremos influências quer queira ou não do contexto social em que estamos inseridos.

Forquim (1993) apud Darido (2005) admite que a educação se apropria de alguns elementos da cultura para formar a sua própria cultura. Considerando que a escola é um ambiente social como qualquer outro entende-se que cada escola tem uma determinada cultura, mesmo que ela seja uma junção de muitas outras. Diferentes formas de pensar e agir podem por si só provocar alguns conflitos já que todos nós temos opiniões divergentes, mas faz-se necessário nortear algumas regras para o bom convívio social. Gómes (2001) apud Darido (2005) analisa Cultura Escolar como uma forma de reprodução específica de certas tradições, costumes, valores ou rotinas que identificam a comunidade escolar. Trazendo de uma maneira mais simples é como se fosse uma família que vai passando seus costumes de geração em geração.

Hábitos e rituais diários como o sinal tocando para a entrada e saída dos alunos, escolas com a infra-estrutura espaços e áreas padronizadas tudo isso foi sendo repassado ao longo de anos é a nossa cultura escolar. Souza Jr apud DARIDO nos diz que a Cultura Escolar, poderia ser estudada sobre diferentes aspectos: “(...) a cultura do recreio escolar, a cultura da aula de matemática, a cultura do sinal batido entre as aulas, a cultura das aulas vagas, a cultura da chegada e saída da escola” (SOUZA Jr, 2003 apud DARIDO, 2005 p.61). Todas citadas a cima são diferentes “expressões” do meio escolar, por isso devem ser analisadas em seus aspectos divergentes.

A cultura escolar, no caso específico da educação física vem se transformando. Diferentemente das outras disciplinas como: matemática, português, história, geografia a educação física proporciona ao professor escolher o ambiente em que ele deseja trabalhar de acordo com seus objetivos, ou seja, o educador não fica limitado apenas a trabalhar somente em sala de aula da maneira mais tradicional que existe como os seus outros colegas educadores, ao contrário ele pode escolher ir para o ginásio, para o pátio, um gramado dependendo da infra estrutura que o colégio lhe proporciona. Para a prática da



disciplina indica-se uma vestimenta adequada, como bermuda, camiseta e tênis para ficar mais confortáveis e diminuir o risco de possíveis lesões.

Embora as vestimentas tenham sofrido significativas mudanças, com a presença quase inevitável da calça jeans. Ainda pode-se perceber que as aulas de educação física são para alunos e muitos professores, sinônimo de quadra com uma forte influência esportiva. Desta forma, os alunos esperam uma aula de esportes, a direção e equipe pedagógica também, além dos pais. Sendo assim, professores que tentam sair desta rotina tem uma resistência importante.

### ESPAÇO E MATERIAIS

Analisando as dificuldades que os educadores encontram para lecionar, não demora muito para alguém citar o espaço físico e os materiais, creio que por muitas vezes essa dificuldade se acentua ou ao menos se torna mais visível na disciplina de educação física. Segundo Lima (1998) a escola não é um depósito de crianças, o espaço físico é uma importante ferramenta de ensino, que está sendo totalmente desprezada, os projetos de construção não deixam espaços para as quadras de esporte, laboratórios e bibliotecas e, isso limita o processo de aprendizagem.

Durante o curso de educação física é proporcionado aos acadêmicos o estágio de observação, tense ai então a oportunidade de ver a realidade mais de perto, e diferenças entre escolas públicas e privadas se acentuam bastante.

Escolas com a quadra praticamente de piso bruto irregular somente com uma pintura, que quase nem aparece mais, sem tabelas de basquete, pouco ventiladas ou com goteiras, materiais em pouca quantidade e em mal estado de conservação, tudo isso prejudica a didática do educador físico, mesmo ele sendo um excelente profissional e muito criativo acaba ficando em desvantagem, muito mais difícil fica a situação do aluno que também é prejudicado, devemos concordar com Sousa Lima, quando ele nos diz que, qualquer espaço que o homem produz interfere de maneira positiva ou negativa no processo de ensino. (LIMA, 1998 apud SILVA et al 2008)



Já na escola particular as condições de infra estrutura eram praticamente a utopia da escola pública, uma quadra poliesportiva com arquibancada piso sem irregularidades, bem demarcado, tabelas de basquete que são acionadas só na hora do jogo, entre outros espaços também destinados a educação física como, por exemplo, o pátio e o gramado da instituição, que eram opções a mais para o professor. Tudo isso se deve a importância que é dada as aulas de educação física, ao investimento que é destinado a essa disciplina. Anísio Teixeira já na primeira metade do século XX afirmava a importância dos investimentos na educação para que os resultados educacionais fossem atingidos.

Não há como fazer educação barata-Como não se pode ganhar uma guerra barata, se for nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para a sobrevivência.

Entende-se a necessidade de investimentos na educação, contudo nem sempre isso é atendido, tornando difícil a tarefa de lecionar, fazendo com que o professor tenha que se desdobrar para atender seus educandos, e por fim essa dificuldade acarreta em desmotivação sobre ambas as partes. (TEIXEIRA, 1971, apud SILVA et al 2008 p.142)

## MOTIVAÇÃO

Dos fatores que influenciam para que a disciplina de Educação Física venha a desempenhar seu papel com ênfase no âmbito escolar, um deles sem dúvida é a motivação, o entusiasmo do professor, mas já na década de 1970 surgem alguns estudos sobre a Síndrome do Esgotamento Profissional (SEP). (FREUDENBERGER, 1974 apud MOLINA, 2005.) caracteriza essa síndrome como um sentimento crônico de apatia de atinge principalmente a classe trabalhadora que está estreitamente ligada a outras pessoas na sua atuação profissional, professores aqui seriam ótimos exemplares.

Uma pesquisa realizada por Vicente Molina Neto e Joarez Santini nos aponta algumas possíveis causas da desmotivação dos professores:

A escolha da profissão – Ingressar em uma faculdade nem sempre é uma opção voluntária, sofremos pressão do meio onde estamos inseridos e da família, escolher que carreira seguir não é uma coisa fácil e, a decisão muitas vezes é cercada de dúvidas. O estudo observado aponta que os professores não tinham convicção do que queriam quando



entraram na área de licenciatura, a maioria optou por isso por questões de afinidade, outros eram ex-atletas e, acabaram se frustrando com o cenário que encontraram para atuar.

Limitações na formação – Aqui o grande impasse entre os professores aponta que a formação muitas vezes não condiz com a realidade em que eles vão atuar, é como se fossem preparados para atuar somente com certo nível social, e quando estão “lá fora” se sentem despreparados para encarar a realidade.

A sobrecarga e, as condições de trabalho – muitas vezes o professor trabalha em um ambiente hostil de insegurança sobre ameaça de alunos, infelizmente hoje isso faz parte da nossa realidade. Sem comentar das inúmeras vezes que é sobrecarregado, levando para a sua casa o “ambiente de trabalho”, provas para corrigir, preparar aulas, atividades de o fazem por muitas vezes abrir mão de seu lazer.

Há muitos outros motivos aqui não expostos sobre a desmotivação; Contudo esse mesmo professor não deveria esquecer-se do compromisso que assumiu no momento em que se formou e passou a atuar independentemente das dificuldades impostas ou então limitações foi ele mesmo que resolveu assumir esse o compromisso e, agora deve honrá-lo em outras palavras fazer bem feito.

Segundo Thomas 1983, para que o professor seja capaz de motivar seus alunos é preciso que o mesmo tenha muito mais do que o conhecimento científico, ele precisa saber cativar os dicentes, mostrando à eles os benefícios a relevância da atividade física no dia a dia, além do mais o professor deve ser o primeiro a mostrar interesse por suas atividades e, deve justificar esse interesse aos seus alunos.

Aulas de educação física deveriam superar as barreiras impostas pelos portões da escola, um professor deveria motivar seus alunos para que seguissem praticando atividades, indiferente se estão no meio escolar ou não, para isso o próprio educador deveria ser o mais motivado, não basta ser ou ter sido um bom atleta ou gostar de esportes, a formação deve ser continuada sempre em busca de inovações. Para HILDERBRANDT, etall 1986, pag.40 apud MARTINS o professor deveria estar preparado para mudar o ensino em função das necessidades do aluno, de acordo com sua idade e as constantes transformações que ocorrem na sociedade.



Com os fatos acima apresentados, observa-se que a educação física vem perdendo seu espaço principalmente pela falta de motivação por parte dos docentes, é preciso fazer um resgate no interesse desses profissionais com relação a ministrar uma boa aula, só assim poderemos resgatar os valores da disciplina não como uma mera coadjuvante na escola, mas sim como parte fundamental do currículo escolar.

## METODOLOGIA

Explicativa, segundo Gil (1999) as pesquisas explicativas tendem a identificar quais são os fatores que determinam ou então contribuem para tal situação; esse tipo de pesquisa quer saber os porquês de tal fenômeno e, é a que mais se aproxima da realidade.

A população foram os professores da rede pública estadual do município de Dois Vizinhos, tendo como amostra professores de educação física do colégio Leonardo da Vinci e Colégio Dois Vizinhos do Ensino médio.

Foi utilizada entrevista semi-estruturada adaptada de Wittizorecki (2001). As entrevistas foram realizadas nos colégios, foram gravadas e com hora marcada na hora-atividade do professor. Os dados foram analisados de maneira qualitativa, por análise de conteúdo.

## DISCUSSÃO

Para discutir os dados, foram selecionadas categorias de análise que são os subtítulos deste capítulo.

## ESPORTE COMO CONTEÚDO HEGEMÔNICO

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE's) apontam aos professores de Educação Física cinco conteúdos estruturantes que devem ser abordados com os alunos durante o ano letivo. São eles: Esporte, Dança, jogos e brincadeiras, ginástica e lutas. Embora as DCE's dêem aos professores esse norte, constatamos com nossa pesquisa que, na maioria dos casos, as diretrizes são ignoradas e o que era para ser cinco conteúdos estruturantes, acaba sendo um. E ainda o esporte se reduz a quatro modalidades: futsal,



vôlei, basquete e handebol. “A gente trabalha sempre infelizmente com o quarteto mágico que é o futsal, vôlei, basquete e handebol. Então esse é o quarteto e, às vezes tem escolas que trabalham só com o dueto mágico que é o futsal e o vôlei” (Professor 2)

Trabalhar uma modalidade esportiva vai muito além do que repassar aos alunos o histórico ou as regras básicas, quando falamos em esportes é preciso entender o histórico social que ele envolve, é preciso fazer uma abordagem teórico crítica do porque esse esporte e não aquele outro, o que esse esporte está envolvendo e o que está nas entrelinhas dele.

Ao trabalhar o conteúdo estruturante esporte, os professores devem considerar os determinantes histórico-sociais responsáveis pela constituição do esporte ao longo dos anos, tendo em vista a possibilidade de recreação dessa prática corporal. Portanto, nestas diretrizes o esporte é entendido como uma atividade teórico-prática e um fenômeno social que, em suas várias manifestações e abordagens pode ser uma ferramenta de aprendizado para o lazer, para o aprimoramento da saúde e para integrar os sujeitos em suas relações sociais. (PARANÁ 2008 p.63).

No entanto, o que pode-se observar da realidade em que a escola pública se encontra hoje, é que o esporte é tido como conteúdo único e, abordado de maneira simplista, são muitas as razões apontadas pelos educadores para trabalhar só com o esporte. Falta de interesse e colaboração por parte dos alunos “A parte do esporte é o mais esperado pelos alunos” (professor 3) “Procuro trabalhar bem o que eu consigo trabalhar ali na base, porque quando eles chegam no ensino médio eles só querem jogar” (professor 3) “Eu não posso variar a atividade, todos participam mas querem jogar futsal, vôlei, basquete e fim”. (professor 3)

O esporte como um conteúdo de fuga :

É fácil hoje para o professor de educação física se tornar só um telespectador da aula, você sabe que a turma é problema, então o que é que você faz dá a bola pra eles que os teus problemas estão resolvidos, eles vão ficar felizes, você vai ficar lá de boa e, pronto todo mundo fica feliz. (professor 1)

Limitação de espaço e material item que será abordado no título seguinte, porém antes de encerrar gostaria de destacar aqui a fala de um entrevistado :



Então hoje lá no ginásio você pode armar quatro redes de voleibol se precisar, pode arrumar um vôlei, um basquete e um futsal e ainda tem mais um espaço do lado da quadra se for pensar em aproveitamento, então a gente não pode reclamar muito do espaço aqui, o espaço é bom. (professor 4)

É notório aqui, que não é só nos alunos que o esporte está enraizado, mas também no professor acima, que fala com orgulho do espaço físico que a quadra oferece para praticar os esportes coletivos. Neste momento fica o questionamento, o que é feito dos outros conteúdos estruturantes, como ficam a dança, as lutas a ginástica enfim, parece-me uma realidade difícil de mudar. A realidade encontrada e aqui descrita concorda com Betti (1999) quando relata que os professores trabalham só com a bola. Também nos parece que os professores não saíram da realidade esportiva e tecnicista vigente antes da década de 80.

## ESPAÇO E MATERIAL

Questões como o ambiente físico e limitação de material, foram muito citadas pelos professores durante as entrevistas. Por vezes, as perguntas eram sobre outros assuntos, mas, sempre éramos remetidos a essa questão.

Olha a condição de eu dar aula eu tenho, a parte de planejar eu tenho, a questão de executar ela de por ela em prática é que eu não consigo fazer como eu queria por falta daquilo que nós já comentamos os recursos e a limitação de espaço. (professor 3)

São muitos fatores que acabam influenciando de maneira negativa no trabalho dos professores de educação física “mas o que acontece dentro da educação, nós temos limitações de espaço, de material” (professor 2). Por vezes esses fatores acabam contribuindo para que a aula seja totalmente voltada ao esporte, pude constatar isso nas práticas de ensino e, agora fui lembrada pelos entrevistados “As dificuldades Fernanda são as mesmas de sempre né, o material pra gente trabalhar” (professor 3).

Quando o ambiente não nos é favorável, o trabalho acaba sendo comprometido; Encontrei professores que ainda preocupam-se em planejar a sua aula, em chegar à sala e ter em mãos um caminho a seguir, “às vezes você pega a turma para trabalhar o que você planeja e, não consegue aplicar, por causa de todas essas dificuldades que eu falei, de espaço e de material” (professor 4). A dificuldade então se concentra na hora de aplicar,



como abordar um novo conteúdo se o que a escola por vezes oferece são apenas algumas bolas de vôlei e futsal “mas na hora de aplicar eu não tenho material, eu não tenho o espaço entende?” (professor 2) “é como eu falei, dá pra trabalhar com uma bola dá, mas, tem atividades que precisam de mais material, mas, nós não temos isso na escola, essa é a dificuldade maior, o material o espaço.” (professor 3)

Além do material escasso e por vezes ainda de má qualidade, o professor ainda tem que dividir o seu espaço de trabalho com outros colegas:

Eu tenho aula aqui com os alunos na quarta e na quinta-feira, quarta eu fico sozinho na quadra e, na quinta eu divido a quadra com outra professora, daí na verdade agente faz as atividades meio junto lá pra poder aproveitar o espaço e todos os alunos poderem participar. (professor 4)

Como então fazer uma explicação, uma abordagem mais concreta “a questão do espaço é complicado [...] às vezes tem que trabalhar até três professores ao mesmo tempo, então não tem ambiente pra trabalhar” (professor 3). “Se já não tem material suficiente para duas turmas e você ainda divide o espaço”, continua o mesmo professor

Eu sempre falava não quero ser aquele professor que dá a bola, mas tem muitas vezes que eu acabo fazendo isso, porque eu fico até com pena dos alunos que ficam ai até chateados porque querem jogar e tal, daí ficam ali na fila esperando quinze minutos pra tocar na bola pra fazer uma fundamentação. (professor 1)

Outro ponto importante a ser ressaltado é a fala do professor relatada na questão anterior, na qual ele dizia não poderia reclamar do espaço, pois tinha uma boa quadra. Mas será que este é um espaço adequado para todos os conteúdos estruturantes? Uma quadra pode ser o espaço ideal para a prática esportiva, mas não o é para aulas de danças, ainda mais se este espaço for dividido com outras turmas. É tempo de pensarmos o espaço da educação física como além da quadra.

Contudo, podemos perceber como as coisas estão interligadas, a questão do esporte como conteúdo hegemônico é favorecida pela falta de infra-estrutura e limitação de material e, como será abordado mais tarde, a autonomia exagerada do professor é um passo a mais na direção do comodismo de largar a bola

Eu falei, é muito contra, muita coisa contra, você acaba ficando muito limitado, o professor de educação física ele tem duas coisas na mão, é



uma restrição gigante de estrutura e uma liberdade gigante de não fazer, então tá juntando a fome com a vontade de comer. (professor 1)

Segundo BRACHT (1992) Apud BETTI (1999) Mesmo que a educação física tenha uma extensa lista de objetivos, parece que a escola esqueceu-se deles e vitrificou seu olhar só para os esportes, deixando conteúdos como dança só para datas especiais e, ginástica para breves aquecimentos e alongamentos, por exemplo, é como se os outros quatro conteúdos estruturantes servissem apenas de apoio ou suporte, ou ainda, a pior possibilidade, fossem apenas ignorados.

## IMPROVISO E PLANEJAMENTO

Como descritas anteriormente questões como limitação de espaço e material, acabam por dificultar o trabalho do educador físico, palavras como adaptação e improviso estão tão ligadas à educação física que um professor chega a comentar: “O professor de educação física tinha que ter uma disciplina na faculdade, como adaptar e improvisar.” (professor 1) Para dar conta do seu trabalho docente à solução encontrada então foi a improvisação/adaptação, essas duas palavras foram muito usadas pelos entrevistados, um deles chega a me dizer o seguinte: “É que nem eu falei a palavra chave hoje da educação física escolar é adaptação, improviso, improvisar.” (professor 1).

Apesar de ter as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE’s) que são um norte ao trabalho dos professores, mostrando os conteúdos básicos e estruturantes de cada ano, os entrevistados disseram que essa “realidade” apresentada pelas DCE’s não condiz com a realidade que é vivenciada no dia a dia da vida escolar. Mais ainda, dizem que é tudo muito bem programado na teoria, porém, não se tem êxito na aplicação.

Se fala em DCE’s tudo é muito bonito na teoria [...] é tudo tão lindo, tudo programado, tudo funciona, mas, na prática ainda se precisa fazer alguma coisa, precisa melhorar alguma coisa, [...] parece que está tudo perfeito, mas, isso a gente sabe desde quando eu era aluno que está tudo errado. (professor 1)

Muitas vezes mesmo tendo planejado a aula, tendo se preparado antes de entrar em sala, o professor acaba por ter que mudar tudo na última hora, por inúmeros fatores, aqui cabe bem a fala de um entrevistado:



Eu planejo uma aula e tal, chego na hora e, quase noventa por cento das aulas você chega e tem que mudar tudo na última hora, porque tem muita coisa que faz você mudar, muita coisa contra [...] raramente você consegue aplicar uma aula que você planejou naquele dia, até você consegue, mas, não da forma que planejou, voltamos novamente à palavra chave: adaptação e improviso. (professor 1)

Para conseguir realizar o trabalho docente e procurar não cair no comodismo de somente lançar a bola aos alunos, uma entrevistada responde que todo professor de educação física tem que ser criativo “A gente é bem malabarista, isto já é próprio da profissão [...] agente adapta, agente sucateia, agente improvisa.” (professor 2)

Contudo, até que ponto vai chegar à educação física escolar, concordo com a professora quando ela diz que adaptação e improvisação não podem se tornar uma realidade efetiva dentro da escola “você pode até trabalhar em alguns momentos da tua vida com o improviso, mas, não pode fazer disso uma regra, dentro da educação não pode existir improviso.” (professor 2). São fatores assim que contribuem para a desmotivação do educador físico, quando adaptação deixar de ser uma coisa esporádica e, passa a ser uma realidade do dia a dia

Então lógico que dentro da escola vai ser frustração em noventa por cento dos casos. Porque eu planejo uma aula que vou precisar de cinco bolas, eu chego lá e não tem nenhuma daí aquilo já ferro comigo, já fico frustrado. (professor 1)

A consequência disto é uma diminuição do planejamento, ou planejamentos feitos para serem entregues à supervisão, mas distantes da realidade prática.

## RECONHECIMENTO E COBRANÇA

Quando questionados sobre a questão reconhecimento do trabalho que exercem, senti na maioria dos entrevistados, para ser mais precisa em três deles, certo desconforto, como se sentissem que o trabalho que lá desenvolvem não fosse tão valorizado quanto o esperado. Segundo a fala do entrevistado, essa falta de reconhecimento vem de dos dois lados, tanto dos alunos quanto da própria direção. “Falta e, falta bastante a escola ela peca muito em só reconhecer medalha, ela só reconhece medalha.” (professor 1)



Este fato reforça ainda o trabalho esportivo. Se o importante é trazer medalhas, tem-se que trabalhar mais os esportes nos quais a escola se destaca, deixando de usar aulas para trabalhar outros conteúdos.

Com certeza, a falta de reconhecimento apontada pelos professores entrevistados é uma forte razão para a desmotivação profissional; Falta de reconhecimento, falta de espaço físico e material, aliados agora também a falta de cobrança e fiscalização tendem a conduzir os professores ao comodismo e, a hegemonização dos conteúdos. Com exceção de apenas um entrevistado que me diz o seguinte: “Sim, quase todos os conteúdos agente trabalha, na teoria ou na prática, até porque nos é cobrado.” (professor 2) Os demais me disseram que a cobrança é inexistente, no seguinte sentido, ninguém, seja da equipe pedagógica ou da direção, ninguém vai supervisionar o teu serviço, ninguém quer saber se você realmente está cumprindo com o seu planejamento “por isso também que ela ta largada, não tem fiscalização.” (professor 1)

Essa falta de cobrança é apontada como negativa por um dos professores, que fala que se tivesse mais fiscalização o trabalho seria melhor desenvolvido por todos “acho que tinha que ser mais cobrado, porque se fosse mais cobrado os professores trabalhariam de uma forma mais correta e, isso facilitaria para os outros professores.” (professor 1)

Com toda essa falta cobrança entende-se que os professores tem total autonomia sobre o seu trabalho e, é isso mesmo o que acontece.

Também acho que a gente tem bastante autonomia, autonomia até demais pro meu gosto [...] autonomia a gente tem mais do que as outras disciplinas, acho que as outras são muito mais restritas que a nossa.  
(professor 1)

Quando o trabalho não é bem desenvolvido ou “já foi melhor” talvez tanta autonomia assim talvez seja prejudicial

“Porque na minha aula mando eu e acabou, eu sempre falo pro meu aluno, olha não tem nenhum diretor que vai meter o bico aqui na minha aula, o que eu planejei, o que eu organizei é isso, e é isso que nós vamos trabalhar, ta isso ponto.” (professor 2)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Após a realização deste trabalho pode-se perceber que a motivação é algo individual. Entretanto, verificamos que as decisões da aula são baseadas principalmente no material e espaços disponíveis.

O que diferencia um bom professor é principalmente seu comprometimento, pois é isto que o diferencia dos demais, mesmo tendo as mesmas condições de trabalho. Além disto, como a cobrança por parte de agentes externos, direção e supervisão, não se mostraram efetivas, resta a auto-regulação. Ou seja, o valor que cada indivíduo dá ao seu trabalho e as suas aulas.

Os principais fatores que dificultam o trabalho do professor são a falta de material e de espaço. Pouco citada, mas ainda importante é a valorização que os alunos dão ao conteúdo esportivo e ao jogar, que também dificulta propostas diferenciadas.

Percebe-se que é difícil modificar a educação física porque a visão esportiva hegemônica é muito cristalizada em alunos, professores, pais e equipe diretiva da escola. Para pesquisas futuras sugere-se pesquisar o como estas outras populações enxergam a educação física.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTI, Irene. Esporte na escola: Mas é só isso, professor? *Motriz*, n°1, jun, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. *Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980*: Campinas, SP: Papiros, 1998.
- DARIDO, C. Suraya. *Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DOMINIQUE, Julia. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Universidade Estadual de Maringá, n° 1, 2015.
- FILHO MASCARENHAS DE CEZAR, Carlos. ET ALL. *Motivação nas organizações*. In: XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação. Local: Universidade do vale do Paraíba. p 1, 4.
- GANANCIO, Maria Rosely. ET All. *O Bom Professor: A ótica dos alunos*. Disponível em:



<http://www.uninove.br/PublishingImages/Mestrados%20e%20Doutorados/edu/I%20seminario/MPF%2017.pdf> acesso em: 05/04/2015.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed.São Paulo: Atlas,1999.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. O professor de educação física e a educação física escolar: Como motivar o aluno. *Revista da Educação Física/UEM*, Universidade Estadual de Maringá, n°2, 2015.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da pesquisa*. In: Programa de pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e tecnologia da informação. Universidade Católica de Brasília-UCB, 200. P 1-108.

PARANÁ. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Educação Física*. 2008

RAUPP MAURY, Fabiano. BEUREN MARIA, Ilse. *Metodologia da pesquisa aplicável as ciências sociais*. Disponível em:

[http://200.17.83.38/portal/upload/com\\_arquivo/metodologia\\_de\\_pesquisa\\_aplicavel\\_as\\_ciencias\\_sociais.pdf](http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf) > acesso em: 25/05/15.

ROSSI, S. Francieli. Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil. *Revista Vozes dos Vales*, Minas Gerais, n° 01, 05/2012.

SANTINE, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professore de educação física: Um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, n°3, jul/set, 2005.

SILVA PAIVA FATIMA, Maria. DAMAZIO SILVA, Márcia. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. *Revista Pensar a Prática*. Universidade Federal de Goiás, n°1, 2015.

WITTIZORECKI, E. *O trabalho docente dos professores de educação física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: Um estudo nas escolas de morro da cruz*. 2001.153 f. Dissertação de mestrado – Escola de educação física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2001